

O TEXTO-RESSURREIÇÃO:

“A misericórdia”, de Lucia Castello Branco

Jonas Miguel Pires Samudio^()*

Resumo

O artigo realiza uma leitura do conto “A misericórdia”, de Lucia Castello, cotejando-o com imagens de outros contos do livro *Preces para a amiga submersa* (2013), a partir da imagem da ressurreição; com isso, não há tematização religiosa, mas uma leitura que trata da experiência da escrita. Para isso, compreendemos “ressurreição” como movimento de continuidade disruptiva: o texto-ressurreição se encontra com a singularidade daquele que, por seu corpo, lê.

Palavras-chave: Texto. Ressurreição. Lucia Castello Branco.

Abstract

The article realizes a study about “A misericórdia”, from Lucia Castello Branco, in conjunction with images of other tales from *Preces para a amiga submersa* (2013), from the resurrection image; with this there is no religious thematization, but a reading that deals of the writing experience. For that, we understand the “resurrection” as motion disruptive continuity: the text-resurrection meets the uniqueness of the one who read with his body.

Keywords:Text. Resurrection. Lucia Castello Branco.

Para Lucia Castello Branco

*[...] a satisfação e a glorificação em sua luz,
aprofunda um progresso sem fim,
um começar indefinido.
O crescimento da glória
jorrará eternamente.*

Simeão, o novo teólogo (949-1022).

“Um começar indefinido”: assim escrevo o começo deste texto; texto que é sempre um modo de ensaiar a leitura, leitura que não passa de um ensaio. E a escrita, aquela que por ele passa, resta almejando um mais além do texto.

“O crescimento da glória [que] jorrará eternamente”: trago-lhes um caminho, o percorrer desse caminho, o seu jorro, e a condição de que possamos chegar ao irrefutável constatado: “Quantos caminhos precisavam ser percorridos para que enfim chegássemos à irrefutável constatação de que a literatura é a vida?” (CASTELLO BRANCO, 2013, p.25).

Caminhos a percorrer; a literatura é a vida, o texto é o jorro da ressurreição. No mesmo movimento, frente à imagem, de que os caminhos nunca se concluem numa certeza, mas são

^(*) Filósofo, Teólogo, com graduação em Letras. Mestrado em Teoria Literária (UFU, 2015). Atualmente é Doutorando em Teoria da Literatura (UFMG), com pesquisa sobre a escrita de Maria Gabriela Llansol.

seu próprio percorrer, a literatura se encontra com a vida: uma pergunta, uma frase suspensa, um limite entre aquilo que a vida diz e aquilo que ela escreve. A literatura como a justa desmedida do humano e, antes disso, de todos os viventes.

E, se falamos de viventes, podemos nos recordar “aquele que vive” (Ap, 1,18a), e, a partir disso, mirar reflexivamente a experiência pascal de Jesus, como uma imagem, para além de uma crença e de uma esperança religiosa!, possível de ser vista como passagem de uma forma de vida pela morte e, desta e meio dela, para uma outra forma de vida – forma que, seguindo o texto de Paulo, é convite para todos os humanos e para toda a criação. Propomos, em meio a isso, uma articulação que aproxima a ressurreição e o texto: sim, ressurreição “e” texto, e não ressurreição “do/no/para/pelo” texto, pois a proposta, aqui, é tratar de duas experiências em suas especificidades, garantindo, contudo, ao texto literário, o lugar e o ponto de vista da articulação: ver “o texto é a ressurreição”, “a literatura é a vida”.

Ressurreição: é certo que a palavra está recheada de conteúdo de fé, de experiência das comunidades ao redor do texto bíblico e do pão, ao redor da partilha litúrgica do texto e do alimento eucarístico. Aqui, entretanto, tomamos a ressurreição como uma imagem que nos ajuda a pensar “a literatura [que] é a vida”.

Lemos, em Hans Urs von Balthasar, acerca do estado do Ressuscitado:

Pois bem: dado que esse feito único [a ressurreição] supõe a mudança dos eons¹ e a fundação do mundo novo através da morte do antigo, não se pode precisar, de antemão, a proximidade ou a distância, a semelhança ou a dessemelhança com que Jesus ressuscitado apareceu a seus discípulos. [...] Para chegar ao reconhecimento no basta o falar (em Lucas e João se dá conversação sem reconhecimento): é necessário, ademais, o desejo de ser reconhecido [...] A conversação pode conservar a forma de velamento total (Maria e o “jardineiro”), ser um passo ao desvelamento (“Não ardia nosso coração?”) ou dar passo ao reconhecimento (“Maria!”) (BALTHASAR, 1969, p.319, tradução nossa).

Há mudança, há o novo, e um novo que nasce de sua própria morte; há, ainda, encontros que se dão em velamento, reconhecimento, e um além do reconhecimento; há o desejo do encontro e de um reconhecer que avance. Há uma permanente tensão entre o velamento e o desvelamento (BALTHASAR, 1969, p.321)– seja no sentido que flui e desvanece em seu proliferar, seja a narrativa que tenta capturar o incapturável de uma experiência inaudita. Tensão que, insuperável, nos permite pensar que um sentido, ou os sentidos – uma possível forma de falarmos em desvelamento –, tem lugar “dentro do

¹ Na origem de *eon* está a palavra grega *aion*, que significa uma era, uma época, o tempo do Messias.

ocultamento” (BALTHASAR, 1969, p.292) que, como desapareção, está a serviço de uma presença, ou potência de presença, mais profunda (p.289) que a concretude de um corpo reconhecido. Uma presença que, por sua vez, é como uma disposição à contínua vinda da presença que não chega – quase, então, se imiscuindo, tal profundidade, com um esvaziamento. Algo como Nancy afirma, acerca da experiência do túmulo vazio como a visão de um vazio esvaziado de presença (NANCY, 2006, p.28) que, por seu turno, é sinal de que “o sepulcro vazio ilimita a morte na partida do morto. Este não está ‘morto’ de uma vez por todas: morre indefinidamente, é aquele que não cessa de partir” (p.29, tradução nossa).

Há, pois, quando falamos “ressurreição”, uma imagem que lhe subjaz, imagem essa que, aqui, me interessa, como movimento de metamorfoses, gradativas e sutis; assim, ressurreição: movimentos de continuidade disruptiva em desvanecimento, o que quase equivale a dizer que não bastam as palavras para que o desejo do texto-ressurreição se encontre com que o lê; é necessário o encontro, ainda que num lampejo, na singularidade daquele que, por seu corpo, lê.

Para isso, proponho uma leitura de “A misericórdia”, de Lucia Castello Branco – articulada com algumas imagens de outros contos do livro *Preces para a amiga submersa* (2013) –, texto que, ao apresentar as imagens de “misericórdia”, “ressurreição”, “milagres”, “Menino Jesus”, não as tematiza religiosamente, mas as propõe como sinais articuladores da experiência da escrita: as mulheres anônimas, o branco papel, a branca-lira-lírio, o artefato de madeira que sustenta quem escreve, que sustenta, pois, as mulheres que ressuscitam quando se abrem à escrita.

Comecemos, pois:

Quando eu disse a ela que a misericórdia a havia ressuscitado, ainda não sabíamos, as duas, que a misericórdia foi também um dia “a peça de madeira saliente e dobrável, simples e esculpida, que se colocava sob o assento das cadeiras nos coros das igrejas e que permitia, quando levantada, que o clérigo apoiasse o corpo, de maneira a parecer estar de pé” (CASTELLO BRANCO, 2013, p.13).

A misericórdia, peça que mantém em pé, é o afeto que ressuscita; a que poderíamos acrescentar: este é o artefato – anagrama de fato, de arte e de afeto – que intensifica a potência de ressuscitar. Levantar-se é, recordamo-nos, uma imagem que se articula, intimamente, com a ressurreição: de fato, em grego, por exemplo, língua em que os evangelhos foram escritos, uma das palavras para ressurreição é anástasis [ανάστασις], substantivo feminino que, literalmente, significa levantamento, levantar, erguer (RUSCONI, 2003, p.46). Um movimento, então, é disso que se trata quando falamos de ressurreição: vindo de algum lugar

alhores, de algum ponto que, ainda que não visível no texto, é, nele, vislumbrado, o inacessível dá-se poeticamente, inventado, portanto, para dar conta da primeira visão; e, ainda, poeticamente é des-coberto pelas frinchas no maciço das palavras. É nesse ponto que se dá a acolhida do chamado a levantar-se: quando, ao fazer alguma coisa com aquilo de que já participamos, instaura-se a vida num princípio de ressurreição.

E, à semelhança do que a teologia cristã trata acerca de Jesus, dizendo que “Deus o ressuscitou” (At 2, 24a), demarcando que a ressurreição não é obra dele, mas daquele que antes o chamou, o fez descer para depois tornar a subir, obra, que ainda que não sendo dele, é, por ele, participada intimamente e de maneira exclusiva, podemos dizer, seguindo tal imagem de descida-subida, que o texto, a literatura, é texto-ressurreição, e literatura-vida. E se, pois, a misericórdia mantém o levantar, isso nos diz que, então, o mesmo artefato de madeira que sustenta a voz do pregador – enquanto no exercício de sua pregação –, avança, levantado, a outro movimento: ainda madeira, mas agora misericórdia que sustenta o corpo do papel branco: “‘Livra-me’ – ela então me disse, sem que soubéssemos que a misericórdia, essa peça de madeira que nos permitia estar de pé, poderia também nos servir de prancheta para apoiarmos o papel, nossa superfície preferida, dali por diante, para o traçado do destino” (CASTELLO BRANCO, 2013, p.14).

Então, entre os suportes de madeira, do corpo da voz – que se desvanece no ar –, do corpo da escrita – que se prolifera no papel –, de seu movimento e transformação, é feita a forma de madeira que é o papel, “superfície preferida” em que se escreve, e escreverá, a vida em seus traçados de futuro, como destinação de quem escreve. Escrever se des-cobre quando, com o corpo, o nosso e o do texto por vir, implicam-se outros modos de articular, misturar, e até confundir, as palavras que o cercam de intensidade: superfície, pois, que continua, mas já outra, a escrita, em movimentos de continuidade disruptiva que se desvanecem.

Com isso, parece-nos, podemos avançar – pois esse também é um movimento na imagem de ressurreição, e um efeito que a ela está ligado: “Ele vai à vossa frente, à Galileia. Lá o vereis, como ele vos disse” (Mc 16,7) –, descortinando-se, diante de nós, a ressurreição como uma espécie de continuidade e diferença – Jesus, no episódio dos Discípulos de Emaús (Lc 21, 13-35), por exemplo, não é imediatamente reconhecido; antes, o reconhecimento é precedido por um desconhecimento rompido somente após a partilha do pão-palavra; e, ademais, seu reconhecimento corresponde a um desvanecer-se diante dos olhos. Não é, assim, uma simples continuação de vida que está em jogo, mas a continuação de uma vida de outro modo, a *restante vida*, podemos dizer com Maria Gabriela Llansol, entendendo-a como a parte viva de toda vida que sempre resta como princípio propulsor da continuidade,

continuidade sempre em outro corpo e lugar; para nós, no texto que é vida ressuscitada, o que está em jogo é a mesma misericórdia – superfície, instrumento, artefato de madeira –, a mesma, mas em outras formas de manifestação: como se, continuamente, a causa fosse, não uma evolução, uma revelação progressiva daquele que escreve, mas o movimento em que, no interior do mesmo, o diferente se mostra em sua evidência de outro – pois se as letras, assim, como a madeira e o papel, parecem as mesmas, e se escreve sempre no impacto de sua irrupção, que, em seus encontros e desencontros, nunca é o mesmo, como a irrupção nunca o é.

Tomamos a ressurreição, então, como imagem de movimento em continuidade disruptiva que se desvanece: o mesmo corpo tomado pela ressurreição é o mesmo, mas não todo o mesmo, pois, tornado corpo e carne gloriosa, os relatos no contam que

Ao anoitecer daquele dia, o primeiro da semana, os discípulos estavam reunidos, com as portas fechadas por medo dos judeus. Jesus entrou e colocou-se no meio deles. Disse: “A paz esteja convosco”. Dito isso, mostrou-lhes as mãos e o lado. Os discípulos, então, se alegraram por verem o Senhor” [...] Tomé, chamado Gêmeo, que era um dos doze, não estava com eles quando Jesus veio. Os outros discípulos contaram-lhe: “Nós vimos o Senhor!”. Mas Tomé disse: “Se eu não vir as marcas dos pregos em suas mãos, se eu não puser o dedo nas marcas dos pregos, se eu não puser a mão no seu lado, não acreditarei” (Jo 20, 19-20; 20, 24-25).

Há reconhecimento, não em imediatidade, mas mediado, frente a este novo e desconhecido corpo, pelas marcas que testemunham os afetos, os caminhos percorridos e os traçados desenhados neste novo corpo, o corpo de glória que, por sua vez, atravessa as portas fechadas – não nos parece irrisório que a exigência de Tomé seja marcada de modo singular: “se eu não vir, se eu não puser o dedo”, ou seja, é seu o desejo de ver, com seus olhos, tocar, com sua mão, aquele corpo e aquelas marcas, vida que com ele fora partilhada. Desejo que é vivenciado.

Então, o texto-ressurreição é aquele que dá-se ao olhar e à mão do leitor e do escritor, um múltiplo olho-mão que escreve, no trajeto do corpo de cada um e do seu desejo que, neles, em cada um, é uma marca, marca descontínua que traz a intensidade desse trajeto da literatura-vida no singular de cada um; singular, contudo, passível e possível de atravessamentos e partilha. Texto-ressurreição, por fim: experiência de escrita em movimentos de continuidade disruptiva em desvanecimento, em que esses elementos, o movimento, a continuidade, a disrupção e o desvanecimento, não se dão isoladamente, mas em imbricações que, no mesmo lastro em que se aproximam intimamente, se afastam dando a ver o seu exterior, o próprio e aquele de que nunca participarão – uma continuidade que avança em

diferença, ainda quando há confusão; um movimento que não cessa, ainda quando circula um ponto no devir; uma disrupção extensa, ainda quando há o sutil fechamento de uma imagem; um desvanecimento que instaura um lampejo, um certo lampejo de desconhecido. Assim, parece-nos, pode ser compreendida o encontro literatura e vida, no texto-ressurreição. Um corte, um terceiro corte, “o terceiro _____ talvez não o ousássemos pronunciar” (CASTELLO BRANCO, 2013, p.13), o corpo do escrever.

Avançamos, também nós:

Eu pensava nisso, enquanto escutava uma certa voz de menina que se estendia sobre o tálamo, mesmo quando o que desejava era correr dali para sempre. Porque o tálamo poderia facilmente se confundir com o túmulo, se não estivéssemos tão empenhadas no trabalho da ressurreição (CASTELLO BRANCO, 2013, p.13).

Entre túmulo e tálamo, vemos praticamente as mesmas letras; praticamente, pois, na linha sucessiva das vogais, há uma troca entre a primeira, “a”, e a última, “u”, e um movimento de deslocamento entre as mesmas consoantes, “t”, “l” e “m”; o “o”, em sua admiração, permanece no fim, junto com a rítmica da palavra. Isso nos diz, então, que, deitada em ambos, no tálamo, o leito de núpcias, e no túmulo, o leito da morte, a menina, cuja voz se ouve, se levanta, ressuscita, pelo trabalho de se levantar, ressuscitar: escrever. Não que o texto como ressurreição, a literatura como vida, tenha qualquer trabalho como gesto imprescindível; antes, porque, se “a misericórdia é sempre maior que a página” (CASTELLO BRANCO, 2013, p.14), o texto-ressurreição, a literatura-vida, está sempre além da página branca em que se desenha, além e sempre se anunciando: “em minhas mãos, pousada sobre a prancheta de madeira, a página sem letras se estendia” (p.14), num anúncio que é, antes, e apesar de tudo, um chamado, que não cabe em palavras, mas as atravessa em suas letras, consoantes e vogais, as mesmas sempre diferentes, pois seu movimento, em sua ressurreição, isso é o que dá-se a ler.

Avançando em disrupção, vendo a menina deitada, lemos:

Talvez por isso, ou porque a misericórdia é sempre maior que a página, a menina descoroadada levantou-se, enfim, do tálamo, e ofereceu-me, sem que eu lhe pedisse, a branca flor de seu desespero. Não, não estava morta. Estava apenas cansada, e pedia-me, murmurando, um copo d’água para se refrescar (CASTELLO BRANCO, 2013, p.14-15).

A jovem deitada no tálamo-túmulo, deitada e não morta, mas cansada, que pede de beber: pois ter fome e sede pertence aos viventes, aos ressuscitados para o desejo. Tal imagem recorda-nos do relato: um chefe da sinagoga, Jairo, procura Jesus, em meio à multidão,

pedindo-lhe que cure sua filha que está muito doente; ao encontrar-se com a mulher que sofre de hemorragia, Jesus acaba por atrasar-se, recebendo, de um dos empregados de Jairo, a notícia de que a menina já morrera (Mc 5, 21-35); e o texto continua:

Jesus ouviu a notícia e disse ao chefe da sinagoga: “Não tenhas medo, somente crê”. Ele não permitiu que ninguém o acompanhasse, a não ser Pedro, Tiago e seu irmão João. Quando chegaram à casa do chefe da sinagoga, Jesus viu a agitação, pois choravam e lamuriavam muito. Entrando na casa, ele perguntou: “Por que essa agitação, por que chorais? A menina não morreu, ela dorme”. E começaram a zombar dele. Afastando a multidão, levou consigo o pai e a mãe da menina e os discípulos que o acompanhavam. Entrou no lugar onde estava a menina. Pegou a menina pela mão e disse-lhe. “Talitácum!” (que quer dizer: “Menina, eu te digo, levanta-te”). A menina logo se levantou e começou a andar – já tinha doze anos de idade. Ficaram extasiados de tanta admiração. Jesus recomendou com insistência que ninguém soubesse do caso e falou para que dessem de comer à menina (Mc 5, 36-43).

Nesse texto, uma outra menina anônima, no anônimo de cada mulher, está declarada doente e morta; deitada num quase túmulo. Anônima, até que um outro, objeto de encantamento, dela se aproxima e, dirigindo-lhe uma palavra que a singulariza, a convida a levantar-se, com seus doze anos, idade da quase-mulher e de quando a menina pode começar a sair do jugo da existência sob o nome de seu pai – de “filha de Jairo” – e de percorrer caminhos, movimentar-se no próprio nome de seu corpo, nome sempre em outra língua, estrangeira língua, língua do outro – “Talitácumi!”. E abrir-se, assim, à sede e à fome de seu próprio corpo ressuscitado pelo chamado ao tálamo do encontro com o outro, com seu segredo.

É ainda desse encontro, então, que se trata no texto-ressurreição, quando a literatura-vida se faz a possibilidade de que o desejo se volte para fora do túmulo, no tálamo-além, para o mundo possível dos encontros.

A literatura-vida, o texto-ressurreição se dá, assim, como instância, reunião de instante e estância, hora e lugar, não do que já foi e do que ainda não veio, mas daquele, outro, que é o que está sempre vindo; do que não cessa sua chegada, portanto, daquele que, ao não-concluir sua passagem, é sempre o desenho da primeira letra, a partir da qual “desenharíamos, com paciência e exatidão, a primeira página de um livro – a restante vida, afinal” (CASTELLO BRANCO, 2013, p.15), a primeira página de um livro a se escrever.

Aqui, a “primeira página”, pois, também será sempre a restante literatura-vida, o que resta de um texto-ressurreição: a nossa experiência de corpos atravessados pelas letras que trocamos uns com os outros na comunidade da escrita, no texto que se lê como encontro e força no movimento que avança para fora, sem renegar o que antes, ali, já estava: o próprio

texto, o já dado, a ressurreição já prometida, sempre incompleta, literatura-vida que se dá de falta – a do leitor, a do texto, a do escritor – em falta – a do escritor, a do texto, a do leitor.

O texto-ressurreição: experiência de que o corpo é o sempre prometido lugar que sustenta a escrita, esta “insônia do escrever logo nas primeiras páginas de seu livro” (CASTELLO BRANCO, 2013, p.25), escrever nos movimentos de continuidade disruptiva em desvanecimento: a literatura-vida.

REFERÊNCIAS

BALTHASAR, Hans Urs von. *Mysterium Paschale*. Trad. Guillermo Aparicio. In: FEINER, J.; LÖHRER, M. *Mysterium Salutis*: manual de teologia como historia de la salvacion. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1971. v. III/2. p.141-335.

BÍBLIA SAGRADA TRADUÇÃO DA CNBB. São Paulo: Loyola, 2002.

CASTELLO BRANCO, Lucia. *Preces para a amiga submersa*. RJ: Circuito, 2013.

NANCY, Jean-Luc. *Noli me tangere*: Ensayo sobre el levantamiento del cuerpo. Trad. Maria Tabuyo e Agustín López. Madri: Trotta, 2006.

RUSCONI, Carlo. *Dicionário de grego do Novo Testamento*. Trad. Irineu Rabuske. São Paulo: Paulus, 2003.

(Recebido em julho de 2015; aceito em agosto de 2015)